



ARTISTAS DE PARIS: Mademoiselle Jane Renouardt

(«Cliché» Reutlinger).

Il série—N.º 572

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1917

Portugal, colónias portuguesas e Hespanha
Assinatura Trimestre, 1\$20 cív. — Semestre,
2\$40 cív. — Ano, 4\$80 cív. —
Número avulso 10 centavos

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Lda
Editor — JOSÉ JOUBERT CHAVES

Número avulso em todo o Brazil, 600 réis

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL "O SECULO"

Perfumaria
Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

M.ª SANTOS E SILVA
Espartilhos e Cintas
POR MEDIDA
RUA GARRETT, 17, 2.ª, E.
— Telefone 4:294 —

TELEPH. Nº 2638
PERFUMARIA
ROSA D'OURO
COLossal
SORTIMENTO
Rua do Ourá, 281 JOAQUIM N. ALVES
LISBOA

Henri Manuel
PHOTOGRAPHO D'ARTE
27, Rue du Faubourg Montmartre
Agencia Internacional de Reportagem
As mais importantes coleções de retratos de altas personalidades

REMÉDIO FRANCEZ
o mais antigo conhecido contra a
PRISÃO DE VENTRE
INVENTADO em 1802
VERDADEIROS
Grãos de Saúde
do **D^r Franck**
(Véritables Grains de Santé du D^r Franck)
Em todas as Pharmacias e Drogeries.
DEPOSITARIO:
J. DELIGANT, 15, R. dos Sapateiros, LISBOA

Medico DECIO FERREIRA

Tratamento e cura pelo **RADIUM** do **cancro** (Epteliomas, sarcomas e carcinomas). Cancroides. Queloides e cicatrizes viciosas. Angiomas. Nevos vasculares e pigmentares. *manchas de vinho*. Tuberculose cutanea, mucosa, ossea, ganglionar e articular. Pruridos, névrodermítes, acne, eczemas. Fibromas e hemorragias uterinas. metrites. Uretrites cronicas. Blenorragia e suas complicações. Manifestações terciarias da sífilis, etc.




Antes Depois

Italos X e electricidade na gota, reumatismo, coração, pele, nevralgias, paralisias, tumores, etc.

Consultorio: **Rua Garrett, 61, 1.º (Chiado)** — Telefone 2.570, LISBOA

DORES DE COSTAS

As Pilulas FOSTER para os Rins
son sem rival para combater: dores de costas e dos membros, lassidão dos mesmos, doenças e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinarias, calculos, nevralgias, rheumatismo, hydropisia; envenenamento do sangue pelo acido urico, etc.

As Pilulas Foster para os Rins encontram — se á venda em todas as pharmacias e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: **JAMES CASSELS & C^o, Succes.**,
Rua Mousinho da Silveira, Nº 85, Porto.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME
Brouillard



Diz o passado, e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numeroz clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, Inglez, alemão, Italiano e hespanhol. dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja—Lisboa. Consultas a 1\$000 reis, 2\$500 e 5\$000.

Grande marca franceza

CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphaera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE d'OR, Paris 1900
J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10^o
Saint-Martin
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.



Fraternidade

El Imparcial, de Madrid, tem desde a semana passada uma sucursal entre nós, inaugurada pelo diretor d'aquelle periodico, com a assistencia de pessoas notaveis no jornalismo e na diplomacia do visinho reino. Seguiram-se á inauguração referida varias manifestações de amizade entre portuguezes e hespanhoes de categoria, homens de letras e de politica, altas personalidades dirigentes n'um e n'outro paiz, confraternizando com uma sinceridade que não deixa duvidas sobre as intenções de todos.

E' mais um passo para a intimidade dos dois visinhos, que a principio se viam com desconfiança, depois cumprimentaram-se cerimoniosamente e em seguida passaram a visitar-se por cortezia; agora, conhecendo-se quasi completamente, se não ha ainda a familiaridade que seria de desejar, é evidente que já uma respeitosa amizade os une.

Bem; que continuem até á confiança fraterna são os nossos votos, sem excluir a urbanidade que deve sempre existir entre pessoas bem educadas, e que, longe de significar frieza, é antes um requisito indispensavel á boa camaradagem.

A guitarra

O sr. Salgado do Carmo era de profissão guardalivros e com ela ganhava razoavelmente a sua vida em Lisboa; mas como tambem era um distinto tocador de guitarra, um dia resolveu abandonar as partidas dobradas e embarcou para o Brazil com o seu querido e harmonioso instrumento, ao qual começou a dedicar-se exclusivamente. Ei-lo de volta e, segundo conta o *Seculo*, na sua edição da noite, coberto de loiros obtidos em numerosos teatros do Brazil, em concertos de guitarra, ouvido com entusiasmo por populações as mais diversas em caráter, mas de perfeita unanimidade quanto á impressão que o nosso patricio lhes deixou.

O sr. Salgado do Carmo apresenta n'um album volumoso o que a seu respeito se escreveu n'aquelle formoso paiz e da leitura se vê que o nome de Portugal foi sempre vitoriado conjuntamente com o do portuguez, sem que fôsse necessarias conferencias ou outra propaganda além dos cantos nacionaes interpretados nas delicadas cordas da guitarra.

Agora vai a Paris e profetisa-se-lhe um exito igual ao que obteve no Brazil, do que não é licito duvidar. E ai está como se pode contribuir pacificamente para a gloria d'um povo, dirão muitos dos individuos que, mesmo depois de nos ter sido declarada a guerra, teimam que não deviamos ter partido para o campo de operações. Sim, mas hão de convir que os canhões se ouvem melhor do que um mavioso harpejo de toeirás...

Pseudo-atentado

As noticias assustadoras que chegaram de Hespanha annunciando um atentado contra el-rei Afonso XIII sofreram em breve tempo um desmentido, reco-

nhecendo-se que o caso não passava d'um roubo vulgar de vigas, deixadas na linha ferrea por gatinos, na precipitação da fuga, em consequencia de se sentirem perseguidos. Na verdade não se explicava a tentativa, tão estúpida se afigurou a toda a gente, mas nem por isso o sobresalto foi pequeno e as hypotheses absurdas deixaram de circular.

Já os jornaes descreviam em numerosas colunas os varios atentados, felizmente malogrados, de que sua magestade tem sido alvo; nada menos de tres, o de Paris em 1905, o da Calle Mayor, em Madrid, no dia do casamento real, e o terceiro igualmente em Madrid e esse recente. De todas essas vezes Afonso XIII manifestou um sangue-frio a toda a prova, attribuindo-se-lhe até ditos de espirito, em seguida aos ataques.

Agora, porém, os jornaes tiveram de recolher aos caixotins os artigos já compostos, talvez com uma nova frase espirituosa attribuida ao feliz monarca, e os altos politicos, sempre diplomatas, viram-se obrigados a confessar que perderam uma ocasião de assombrar o mundo com as costumadas reservas de que usam, na intenção de fazer supôr locubrações maravilhosas e fatigantes nos respetivos cerebros.

Efêtivamente, um telegrama de Madrid, no dia da falhada catastrophe, disse que certa personagem eminente, no governo «se mostrou muito reservada». E' o costume; a diplomacia tem, quando muito, o sorriso de quem muito sabe, quando nada sabe. Foi esse sempre o segredo dos oráculos.

Um "heroe" a menos

Uma simples noticia policial, mas em que vale a pena atentar: a policia italiana conseguiu prender, depois de inumeras e dificeis diligencias, o salteador siciliano Paulo Crispi, que ha 12 anos exercia o seu infame mister, tendo cometido 22 assassinios e uma infinidade de roubos.

Nem toda a gente terá simpatia por este heroe do crime, sendo até natural que os parentes e amigos dos assassinados e as pessoas roubadas sintam enorme aversão por tal patife. Entretanto, os bandidos como este apresentam-se quasi sempre aos lindos olhos das mulheres cercados de uma aureola de prestigio romantico que os torna interessantes: vêem-nos, pela fantasia, roubando os ricos para dar generosamente aos pobres, matando por defesa propria, raptando donzellas que a tirania paterna encerrava em castelos de bronze... Depois, nas fitas dos animatografos mostram-nos em geral, tão engenhosos, tão ageis, tão sugestivos!

Não, senhoras; não abrigueis no coração a menor piedade para com semelhantes monstros e medilhes as responsabilidades pelas miserias que os seus roubos causam e pelo numero de vidas que destroem: foram vinte e duas n'este caso, são milhões d'elas em outro, tambem contemporaneo, em que o «heroe» não é siciliano. Nem admireis nenhum dos dois facinoras, que a intelligencia ao serviço da destruição injustificavel de fazendas e de vidas está abaixo do instinto do grito.

ACACIO DE PAIVA.

(Ilustrações de Stuart Carvalhaes).



Tropas portuguesas para França

Os nossos officiaes e soldados, que se vão bater em França contra os alemães, levam um digno chefe. Se a illustração e competencia tecnica dos primeiros, a disciplina e poder de resistencia dos segundos, a valentia e patriotismo de todos eles são para o paiz seguros pe-nhores de que nos havemos de desobrigar com honra dos nossos compromissos iniludíveis perante o actual conflito, não ha duvida de que, sem um

chefe intelligente, firme e sabedor, inspirando absoluta confiança a grandes e pequenos, todas essas qualidades ficariam pouco mais do que apagadas, quando d'elas ha direito a esperar tanto brilho.

A escolha do general Fernando Tamagnini de Abreu e Silva para comandante em chefe das nossas forças expedicionarias foi, pois, recebida com justificada satisfação. Official instruido e disciplinador, goza de tanto prestigio no meio militar como de simpatias geraes, porque a sua larga carreira tem sido sempre uma alta afirmação das suas belas virtudes de soldado e de cidadão. Coronel de cavalaria 5 em 1908, inspetor de cavalaria em 1914, comandante da brigada de cavalaria em 1915, promovido a general por escolha no mes-



mo ano, em seguida nomeado comandante da 5.^a divisão e em 1916 comandante da divisão de instrução em Tancos, o general Fernando Tamagnini evidenciou-se sucessivamente o chefe superior, em que o governo reconheceu todas as condições para lhe confiar a importantissima missão de guiar as nossas tropas a baterem-se ao lado das inglezas e francezas, comandadas pelo

que ha hoje de mais insigne na arte da guerra.

Louvando-o o governo «pelo muito criterio, alta competencia, muito patriotismo, lealdade e dedicação á Republica, de que deu as mais cabaes provas no modo superior

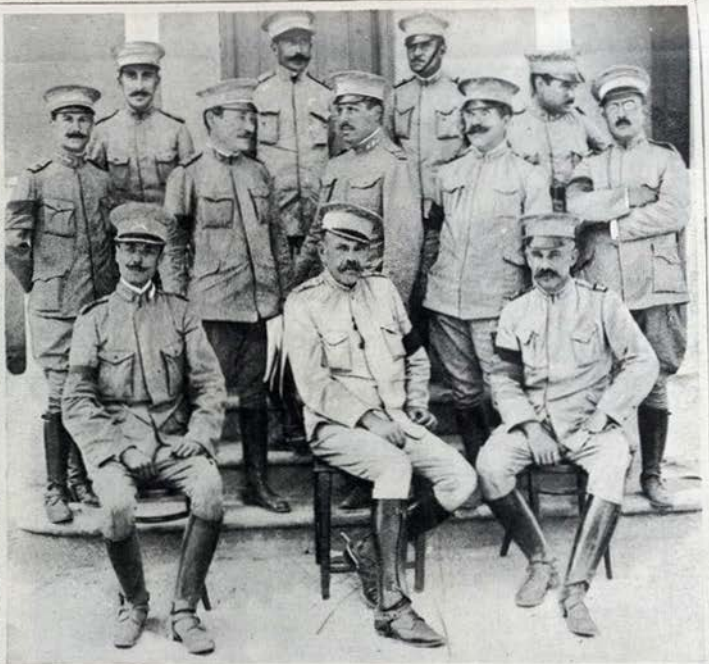
como exerceu o comando da divisão de instrução em Tancos», devia ser certamente ele quem levaria esses bravos ao campo da gloria.

O general Fernando Tamagnini de Abreu e Silva
(Clhe Garcez).



«O major Roberto Batista, \diamond chefe do estado maior do corpo expedicionario, conversando com o coronel Abel Hipolito, comandante da artilharia»

(«Cliché» Benollet).



O GENERAL FERNANDO TAMAGNINI E ALGUNS OFICIAES DO SEU ESTADO MAIOR
Da esquerda para a direita, sentados: Major Roberto Batista, general Fernando Tamagnini e major Ivens Ferraz. — Segundo plano: Capitães Maia de Magalhães, Matias de Castro, Vitorino Godinho, Freiria e Helder Ribeiro. — Terceiro plano: Capitães Goutinho, Arrobas Machado, Monteiro (ajudante do general) e Abreu Campos.

(«Cliché» Garcez).

O bilhete postal

O bilhete postal é a mais expressiva e gentil forma de correspondência moderna. Duas palavras escritas, a correr, na *gare*, á partida do comboio; um abraço mandado da tolda de um paquete, á hora do desembarque; mil lembranças, "saudades sem fim" enviadas, a correr, do cimo dos Alpes, das margens do Lemán, do Niagára, do Rio de Janeiro, de Veneza, de Tokio, dos confins da Asia — e o mensageiro parte, levando, com o calor da carícia ou das palavras transmitidas, uma paisagem das montanhas ou dos lagos, a *terrasse* de um hotel, uma gondola, um sorriso oriental e exótico de mulher.

O que é o bilhete postal? Quem o inventou — e o bilhete postal não tem mais de cincoenta anos de idade — descobriu, simultaneamente, a correspondência dos que tem pressa e o *flirt* postal dos delicados.

Nas costas de uma escultura de museu, por traz de um horizonte dos Pirineus ou (*honne soit qui mal y pense!*) de uma nudez cõr de rosa, do *Sa'on*, — o cicciar de um beijo corre mundo, alado, inofensivo, terno, sob a proteção das leis e os olhos indulgentes dos preconceitos. O bilhete postal é a graça,



o sorriso, a banalidade e o perfume, postos ao serviço da saudade, do negocio, da sociabilidade e do amor. Tem o encanto de todas as ternuras sem consequências e de todas as pequeninas mentiras sem compromissos. Nem a secura mercenaria do telegrama, nem a intimidade, fastidiosa, grave, perigosa, das duas folhas de papel de carta. O bilhete postal nem se disfarça, nem se esconde: ao fim de uma semana ou duas, depois de ter

atravessado mares e precipícios, vindo de mão em mão, decifrado ou traduzido no caminho pela curiosidade de todos os intermediários, chega ao seu destino fresco, discreto, galante, comovido. E, ainda depois de lido, enquanto a carta, sua irmã mais velha, se rasga ou se guarda no jazigo de uma

gaveta ou na sepultura de um cofre, ele, o bilhete postal, animado, invejavel, ditoso, fica no album de folhas doiradas, instalado, sem segredos, com delicadeza e conforto, ou então vae amavelmente repousar para um pequenino caixinho sobre a secretária, ao pé das flores e da cestinha alegre dos bordados. Conhecem alguém mais feliz do que este recoveiro gentil e colorido, que tem o privilegio de entrar



conceitos. O bilhete postal é a graça,

em toda a parte e, ainda por cima, goza a tepida e incomparavel immortalidade das alcovas e das salas de visita? Correspondencia e *bijou*, é recebido com o alvoroço do envelope fechado e lacrado longe — e quasi tambem com a sensibilidade e o



que, ha mais de dois anos, pôz a sua influencia cosmopolita e feminina ao serviço da guerra e dos guerreiros. Por traz de uma caricatura, bigodeira e feroz, do kaiser, vôam por esse mundo de Cristo beijos e sorrisos de Eva. Horisontes de

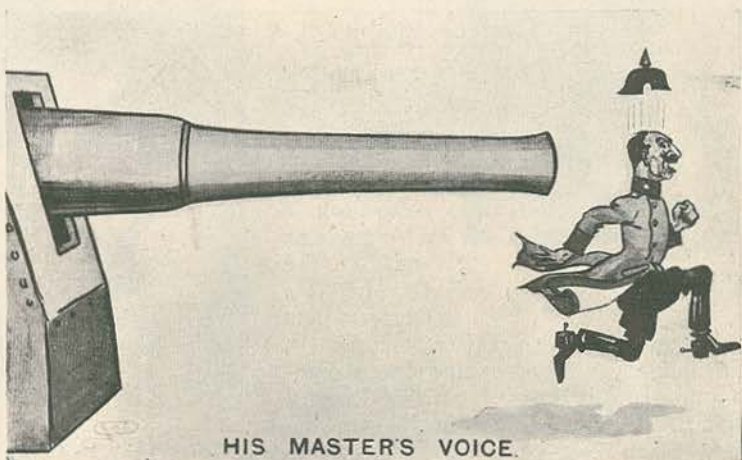


prazer de um presente de anos. E, ainda por cima, preferido pela sorte, apreciado pelos turistas, amado pelas mulheres, figura, com todos os privilegios na cõrte, cheia de pragmatias, dos colecionadores, entre as moeda velhas, a policromia dos selos e as tampas, galantes e historicas, das caixinhas de rapé.

Pois este emissario afortunado de todas as sympathias, de todos os afetos discretos e de todas as indiferenças delicadas, esta especie de caixeiro viajante das paizagens e dos galanteios, pode dizer-se

morte, legendas sinistras, engenhos de exterminio, manchas de dôr, figuras de sangue — tudo isso, de monte em monte e cidade em cidade, leva, conduzido pela caligrafia galante de milhares de mulheres, o espetro das carnificinas e das batalhas.

O amor e a ternura estão ao serviço do odio. O Bilhete Postal, pequenino pagem do *Flirt* e do Sorriso, tam bem foi mobilisado — e cumpre o seu dever militar.



HIS MASTER'S VOICE.

A. de C.

ECOS DE TODA A PARTE

«MISS» MOLLY RAMSDEM

«Miss» Ramsdem, atriz e cantora de muito merito, esta obtendo em Londres um grande sucesso. A sua apresentação, triunfal, ao publico da grande capital inglesa, efetuou-se na festa realizada no «Queen's Theatre» em beneficio do «Belgian Refugee Fund», sob o patronato de sua magestade a



«Miss» Molly Ramsdem
(Cliché E. H. Hoppé).

rainha Alexandra.

«LADY» LOU- GHBOROUGH

As revistas inglesas prestam homenagem a uma das senhoras da primeira sociedade de Londres, «Lady» Loughborough, cujo concurso na festa de beneficencia realizada no «Albert Hall», por ocasião do Natal, foi dos mais preciosos e dos mais brilhantes. De resto, a cruzada de

caridade, organizada desde o começo da guerra pelas senhoras inglesas, merece citar-se com admiração e com louvor. Elas tem sido incansaveis de dedicação e empregado sob mil formas todos os seus esforços para suavisar as dôres e socorrer as misérias d'esta guerra cruel.

«MISS» LOUISE DAY

Uma das triunfadoras da *saison* de New-York é a cantora «miss» Louise Day que, em concertos, tem



«Miss» Louise Day



«Lady» Loughborough
(Cliché E. H. Hoppe).

feito admirar, ao que dizem as revistas americanas, uma das mais lindas vozes de soprano da atualidade. O retrato que reproduzimos é obra de Richard F. Maynard, pintor mundano, cujas obras obtêm um grande sucesso em New-York.



MADAME DE THÈBES

O seu almanaque d'este ano é uma obra postuma. Madame de Thèbes, depois de ter anunciado os grandes acontecimentos d'estes

consagrando uma grande atenção ás suas *toilettes* d'interior. Não admira. Pelos frios que vão correndo, os passeios são raros; e n'estes tristes tempos de guerra as ruas estão em trevas. Em nenhuma parte melhor que em sua casa, na intimidade, entre amigos, a mulher pode fazer admirar a sua graça, — a graça de que ela não abdica, mesmo quando trôa o canhão.

UM «BOCHE» CELEBRE

O terrível panfletario alemão Maximiliano Harden que, em agosto de 1914, quando os exercitos do Kaiser marchavam velozmente sobre Paris, proclamava o direito que a Alemanha tinha de conquistar o mundo e cantava a força, unico argumento consideravel, segundo ele, nas contendas entre as nações, — fez ha pouco uma conferencia em Berlim. D'esta feita, o polemista prègou a necessidade de fazer a paz sobre a base do *statu quo ante*. Mudaram os tempos e os ventos. como se vê...

Madame de Thèbes

trezentos e sessenta e cinco dias que começaram, morreu, quasi subitamente, na sua acolhedora casa dos arredores de Paris, onde tantas mulheres e tantos homens de todas as classes, das mais altas ás mais humildes, foram receber da sua boca de profeta um pouco da misteriosa ciencia do Destino. Madame de Thèbes era uma senhora d'um trato extremamente afavel, dotada d'uma intelligencia e d'uma habilidade a que é justo prestar homenagem. A sua arte de interrogar encerrava todo ou quasi todo o segredo das profecias que fizeram a sua fortuna e a sua gloria.



A Moda. — (Cliché Ira L. Hill).

A MODA

No seu ultimo numero a *Vogue* dá-nos alguns lindos modelos de *robes-de-chambre* femininos. Um d'elles, que reproduzimos, foi creado pela Paquin. Ele é encantador nas suas linhas medievais, d'uma tão grande simplicidade e d'uma tão grande beleza. As mulheres elegantes de Paris e de Londres estão



Um boche celebre

A FAMÍLIA DE CARUSO

O celeberrimo tenor continua ganhando rios d'ouro nas grandes cidades americanas. A sua garganta prodigiosa é um filão que parece não estar prestes a esgotar-se. A fotografia representa-o junto dos retratos de seus filhos e da «institutrice» que os acompanha.



A família de Caruso

(Clichê do «Musical Courier.»)

O VIOLINISTA

YSAYE

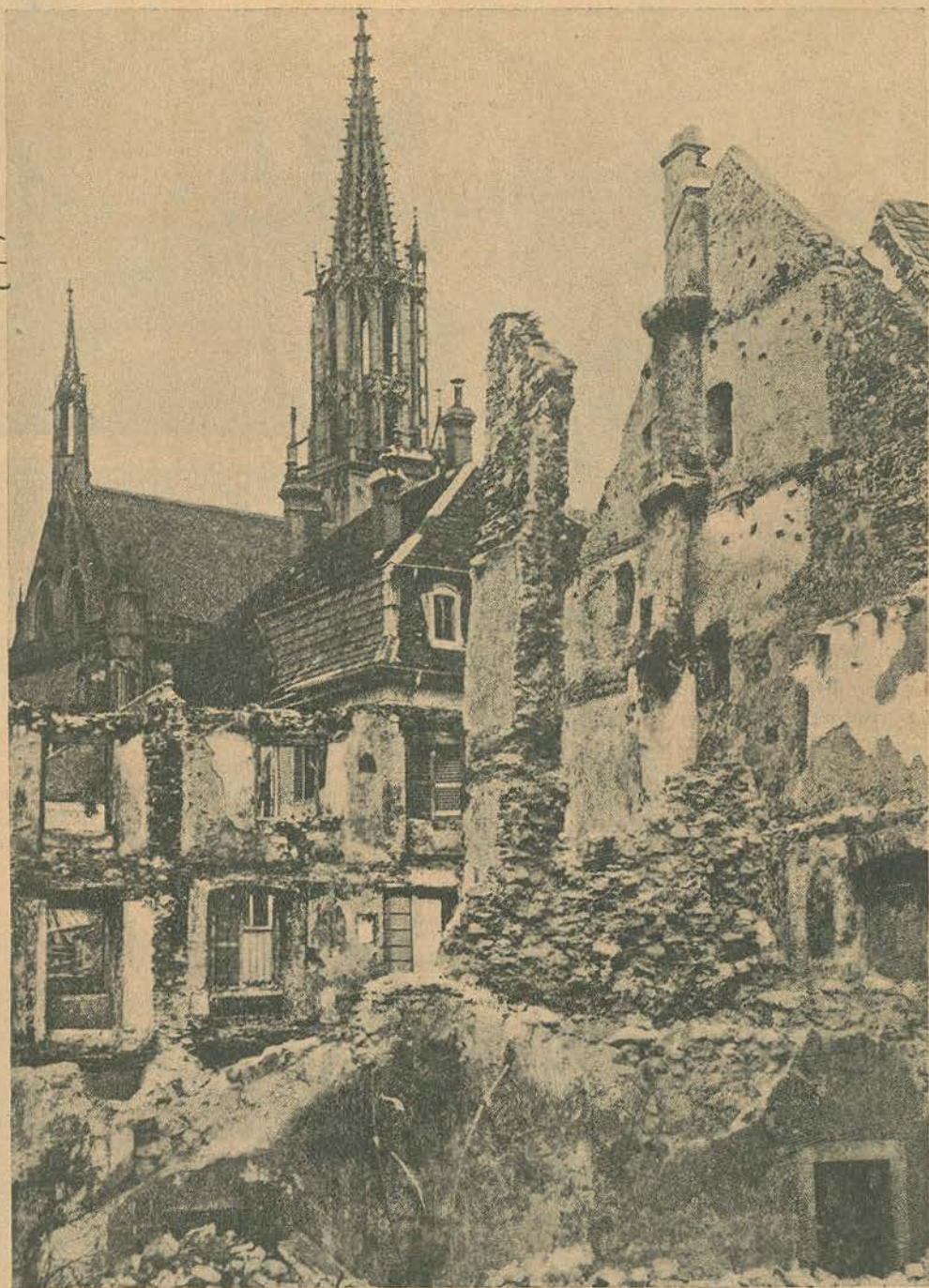
O grande violinista Eugène Ysaye, que Lisboa já teve ocasião de aplaudir, visitou ha pouco, na frente belga, seu filho, que é soldado. A objectiva do fotografo surpreendeu o artista, passeiando com o seu valoroso herdeiro, a pouca distancia das trincheiras.



O violinista Ysaye.

(Clichê Underwood & Underwood).

A GUERRA



A cidade de Thann quasi destruída pelos projéteis alemães--(«Cliché» do «Monde Illustré»)

A Alsacia reconquistada.--A resposta da Entente ao presidente Wilson menciona, entre os fins de guerra dos aliados, a restituição dos territorios que no passado lhes foram arrancados pela força ou contra o voto das populações. Entre eles está incluída a Alsacia-Lorena, que, desde ha quarenta e seis anos, sofre as humilhações mais duras sob o jugo alemão. N'um caso de guerra entre a França e a Alemanha o territorio das duas provincias tinha inevitavelmente de ser um campo de batalha. Lá prescquem com efeito as hostilidades desde agosto de 1914. A cidade de Thann está na posse dos francezes. Mas o que a linda cidade alsaciana tem sofrido dil-o eloquentemente a fotografia que reproduzimos.



Em Monastir.—As tropas servias e francezas entraram em Monastir acolhidas por uma população em festa, que elas libertavam do jugo alemão. A alegria não durou muito; novas torturas vieram. Monastir continúa na posse dos nossos aliados, mas ao alcance dos canhões boches que a fazem cruelmente sofrer.

A entrada das tropas servias e francezas em Monastir



Em Salonica—Embora a situação da Grecia (sempre indecisa, apesar de todos os compromissos, evidentemente pouco sinceros, do rei) lhe não permita as operações de grande envergadura, Sarrail não está inativo na frente da Macedonia. As operações nas proximidades de Monastir prosseguem lentamente mas sem descanço. O movimento de tropas entre a base de Salonica e a frente faz-se continuamente.



Movimento de tropas aliadas em Salonica. — (Clichés da secção fotografica do exercito francez)



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SEculo, 49—LISBOA

Aos Francezes



Acolhei com amor e confiança
Esta bandeira indomta e sagrada
Pois outra não vereis alevantada
Com mais famoso garbo e mais pujança.

Não tereis apagados na lembrança
O braço que a segura e aquela espada
Que a par da vossa, pela mesma estrada,
Brilhou ao mesmo sol, filhos da França!

O peito a que se ampara, forte e airoso
Ha-de sangrar talvez, que é dura a guerra,
E como ao coração a traz cingida

Ha-de molhal-a em sangue generoso:
Beijae-a! vae regar na nossa terra
A flôr da liberdade, a fiôr da vida!

Mascara Azul.

PALESTRA AMENA

João Penha

No *Século*, edição da noite, um colega nosso no labutar das letras versou o assunto João Penha, isto é, as infelicidades do ilustre poeta, a pensão que lhe vai ser concedida e os comentários que ela tem provocado entre os patetas que não compreendem que o paiz deva alguma coisa ao boêmio coimbo: não pelo simples facto de ele fazer versos.

Ficou esgotada a questão, a nosso vêr e os tais patetas não replicaram, porque nada tinham a replicar. A que vem pois a «Palestra» com igual tema? A isto, apenas: a dizer ao referido colega que não raros, rarissimas pessoas perdoarão, lá no intimo, a resolução da camara, e não só os insignificantes a que se referiu; poucas confessarão o seu modo de pensar a tal respeito, não por pudor mas por medo, mas a verdade é que não de fazer com os respectivos botões comentar os desagradabilíssimos para os cultores das musas e seus admiradores.

Não vamos mais longe: d'um cidadão sabemos nós — e de muitos nas mesmas condições — que, julgando não afrontar ninguém com o tacto de fazer versos, supondo que as rimas são inofensivas e que a musica do ritmo não ofende o ouvido alheio, toda a sua vida tem sido prejudicada porque a natureza lhe concedeu a infeliz faculdade de se saber expressar em fórma e linguagem poetica.

Frequentou aulas, estudou e os professores não deixavam de lhe attribuir uma tal ou qual faculdade de compreensão emquanto lhe não souberam da balda; mas logo que lhes chegou á mão uma quadra assinada pelo pobre rapaz, concluíram: — Faz versos? Então não dá nada.

Um dia o cidadão atingiu a idade em que se precisa de ganhar a vida e procurou onde pudesse exercer a sua actividade, retribuida condignamente. Mas, por desgraça, o seu nome á chegára ao ouvido de muitos — e todas as portas se lhe fecharam. O commercio não queria poetas atraz do balcão, a industria não percebia que mãos habituadas á pena se applicassem aos maquinismos complicados, um advogado poeta não dava garantia ás partes, um medico a versejar não era coisa séria...

O dito cidadão esteve sem escrever alguns anos, foi esquecido e uma vez, ocultando cuidadosamente a sua vocação, apresentou-se como candidato a um emprego publico. Requereu na prosa mais baixa de que pôde d'spôr, meteu as necessarias empenhocas — e foi nomeado para uma carreira de successivos acessos, de razoavel futuro, porque o lugar de entrada era de proventos insignificantes.

Emfim, tinha na frente uma estrada aberta para melhores cometimentos, mas — ai! — o vicio dos versos não o tinha abandonado e em breve as satiras que sem remedio lhe escorriam da pena irreverente espalhavam-se pelas repartições, chegando até os directores gerais. Foi o cumulo da infelicidade

para o misero! Tentou conquistar o lugar seguinte, em concurso, com provas iguais ás de muitos outros candi-datos — mas estes foram os preferidos, apezar das habilitações do infeliz. Certo amigo comum avistou-se com o ministro que fazia as promoções e falou-lhe no rapaz: — Bem sei, respondeu sua ex.^a. E' um funcionario banal; e depois, faz versos...

Por isso o nosso homem esteve 15 anos a marcar passo em amanuense, vendo passar adiante todos os prosadores da sua categoria, que mais subiam quantos menos dotes literarios possuíam.

Res'a-nos dizer uma coisa, para consolidação das gerações atuais — e é que este caso se passou ha muitos anos, e que hoje de modo algum se poderia dar, tanto que, como acima acentuámos, as pessoas que negam a João Penha o direito de receber uma pensão não se atrevem a manifestar em voz alta o seu parecer. Roem-no, como se fosse um chifre.

JOSE NEUTRAL.

Modo de ganhar á roleta

Apareceu um dia d'estes um anuncio nos jornais declarando que se ensinava o metodo de se ganhar infalivelmente



á roleta. Ler o anuncio, correr ao sitio indicado — que não revelamos para que os pobres banqueiros não fiquem deparados, coitadinhos! — e pedir os esclarecimentos prometidos, foi obra de poucos momentos.

O anunciante apresentou-se-nos miseravelmente vestido e o quarto que habitava, e onde nos recebeu, não podia ser mais pobre. Inquirimos, admirados:

— O metodo de v. ex.^a é realmente infalivel?

— E'.

— Mas não lhe tem aproveitado, ao que vemos.

O homem sorriu, enigmaticamente.

— E está disposto a ensiná-lo?

— Sim, senhor. Por dez tostões. Pagámos e logo o homem se dirigiu

a uma mesa proxima, abriu uma gaveta, tirou um papel encerrado n'um sobrescrito e disse:

— Aqui estão as instruções que deve seguir se quiser ganhar á roleta.

— Fechadas...

— Abra-as na casa de jogo, antes da parada, e o resultado é fatal.

Agra leçemos, retirámos e certos de que n'essa noite ganharíamos dois a tres contos de réis percorremos varios estabelecimentos para nos fornecermos, a credito, de varias coisas e loisas de que andavamos muito falhos.

Depois do teatro entrámos na casa de tav.lagem mais perto, isto é, na porta seguinte á do teatro, porque n'aquella rua, como em todas, as casas de jogo são porta sim, porta não.

Rodopiava a roleta. Puxámos corajosamente de dez centavos em níquel e iam os ocá-los em determinado numero — tambem não o revelaremos, porque muito nos pesaria, repetimos, contribuir para a ruina dos referidos estimaveis banqueiros — quando nos lembrámos das inst.ções do h. mem. Abri-mos o sobrescrito e lêmos: «Meu caro pedaço d'asno: se quer ganhar á roleta, safe-se immediatamente e não arrisque a minima quantia.» Obedecemos. Abençoados dez tostões!

Frio... frio...

Noticias da Alemanha dizem que n'alguns pontos d'aquella abençoado paiz a temperatura tem estado a dez graus, abaixo de zero. E' inutil acrescentar que tal noticia é dada pelos jornais dos aliados e, por consequencia, tendenciosa: trata-se apenas d'um eu-femismo, d'uma formula palpavel de fazer perceber o estado actual de frieza dos boches, não pela falta de calor em todo o corpo mas sómente n'uma pequena parte.

E' um fenomeno que se dá geralmente no homem quando passa de 60 anos de idade; na Alemanha, porém, a guerra ar.tecipou-o, assim como aos seus



desagradaveis efeitos, sem que o diabo valha d'esta vez aos varios Faustos avariados.

TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Zefa do meu curasão.

Como çabes nan conheso cenão a noça terra e d'êça mêmã çomentes Pêras Ruiuas i Lisboa; mas agora, grassas à Imperia, pessa a que açisti uma noite d'estas no triato Avnida, já poço dezer que conheso tamem a Pulonia, ou pello menos us costumes pulares, cigundo perveniui u cartaz.

Naturalmente cepões que ção munto defrentes dos noços; pois istás inganada: cus omes ção tal cal, atradis-os cumo ós de cá, gastam dinheiro na pandiga cumo os de cá i inté jogam o trinta e um, cumo a cá! U que falam é um putiguês um bucado afranseado—pur inzemplo dizem «calma» in lugar de «soçego»—mas nu mais inté paresem portuguezes, cumo v is vêr:

U Almeida Crus em Portugal u que é? um ome danadinho pur mulhere: na Pulonia é a mêmã co'isa. U Armado Vasconceis u que é aqui? um rapaz que desafina a cantar cumo ó diabo—tal cal cumo na Pulonia. A Palmira Bastos aqui? Uma virge pur quem us omes andam pello beisso e que çabe pôr-se nas çuas tamanquinhas; na Pulonia, idam.

Có o Zé Ricardo é que in Portugal é um ome ingrassadissimo i na Pulonia nan tem grassa ninhuma, pu que lhe impijiram um canastrão levado de de mel diabos.

Isquesiame falar-te nas dansas pulacas minha Zefa: fica çabendo que ção tamem cumo as noças, cumo o Rasga, a Caninha Verde, etc., de modos que, repito, nan vale a pena a jente çair do noço cantinho imaginando que vê ço'isas novas; é tudo u mêmã.

Purmetite na minha ultima meçiva falar-te nas *Novos apostlos* pessa do



meu gadelhudo amigo Ógusto Lasserda, mas afinal cando eu istava pra ir vêr dixeram-me que ce tinha retirado da sena porque a impreza istava já farta de ganhar dinheiro cum ela. Em 5 ó 6 arrepresentassões foi lá Lisboa in peso!

Uma nuvidade cá agora nus triatros é amétade du ispetaclo paçarse ás iscuras, cumo nus animatofos. Entre as 10 i as 11 a Cumpanhia du Gaz enterrompe a luz inletrica pur inconemia, u peçoal de cervisso nu triato vem toudo pró palco i á grande cavaquêra entre us ispetadores i us atores; já ce çabe apurveita-e a incasião prá çua apaladella, as piquenas riem, us papazes toçem i tudo fica estifeito, inclusiva a

EM FOCO



Augusto Lacerda

Visto que teve peça com agrado
Muito embora—misterios que ha na cena—
N'uma série muitissimo pequena
Comparada ao valor manifestado;

Havendo recebido de contado
Talvez, se bem calculo, uma centena
De escudos miseraveis, porque a pena
Sofre, n'este paiz, d'um triste fado;

Agora que dispõe d'algun dinheiro
E pôde uma quantia pequenina
Sem transtorno tirar do mealheiro,

Vamos, coragem, seu doutor Sovina!
Agarre em dois tostões, vá ao barbeiro
E diga que lhe corte a gaforina!

BELMIRO.

imprez i purque ço ispetaclo acava á lem da ora da tabe a nan paga us cincoenta mel reis da multa.

Cum isto nan te infado mais i acinume cum touda a amezidade u teu inté ó dia de juiz o.

Jerolmo

Emprezario do Paullitama
de Peras Ruiuas

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para uso dos alunos dos liceus)

Objetos de luxo

Meninas e meninos: Muito folgo em ver que estas minhas despretençiosas conferencias são cada vez mais concorridas e é cada vez maior a atenção que lhes prestam. Isso prova da parte dos meus amiguinhos um notavel bom senso e um sincero desejo de bem se prepararem para a luta da vida, pois as minhas palavras encerram sempre, mesmo quando o não pareçam, ensinamentos utilissimos.

Escolhi para tema da de hoje os objetos de luxo, isto é, aquilo de que devem prescindir atualmente, reduzindo as suas aspirações ao que lhe fôr striitamente necessario.

E' inutil dizer-lhes que devem pôr de parte todos os adornos, como aneis, brincos, pulseiras, cãesinhos de regaço, colares, correntes de relógio—e o proprio relógio, visto estar provado

que hoje ninguem sabe ás quantas anda. O ponto que quero frisar não é esse; vou-me referir aos artigos que não parecendo de luxo, o são na realidade. Vamos, por exemplo, á indumentaria, com licença do sr. Castelo Branco.

Quem ha aí que julgue que o chapéu é necessario? O das senhoras, evidentemente, nunca serviu para cobrir a cabeça, de modo que esse está fóra de toda a discussão: mas o do homem será preciso? Não andam os estudantes de cabeça descoberta? Não ha duvida meninas e meninos: o chapéu de homem ou de senhora, é um objeto de luxo, que é urgente suprimir, e tão inutil que o tiramos sempre que queremos manifestar respeito.

Passemos ao colarinho: para que demonio serve essa tira de linho engomada senão para incomodar e para se gastar dinheiro na engomadeira e na lavadeira? Pois não se sente verdadeiro



alivio quando se chega a casa e se põe de lado? Fóra com ele.

Raciocinio igual podemos fazer com referencia aos punhos.

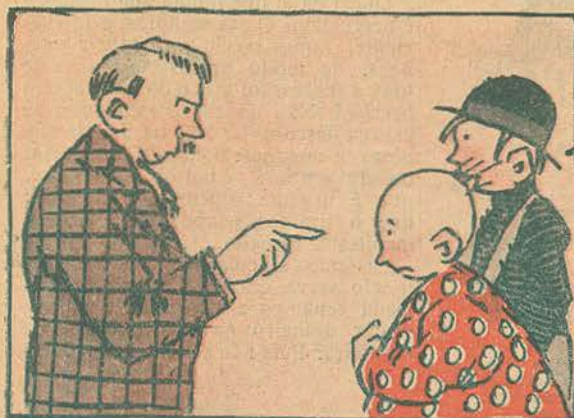
Agora vamos ás diversas camadas que se sobrepõem á pele: camisola, camisa, colete, casaco, ceroulas, calças, meias e botas. Não é preciso ser-se muito inteligente para perceber que são camadas de mais e que uma redução em nada nos prejudicaria, pecuniaria e higienicamente. Então camisola, camisa, colete e casaco não podiam ser substituidos por uma peça unica, de espessura equivalente á soma das d'estas peças, dado que a pele necessite de tão grosso resguardo? O mesmo se deve dizer das ceroulas e calças, que poderiamos substituir por um tecido unico, e das meias e botas, as quais um nadinha mais fortes no cabedal tornariam dispensaveis as meias—e isto não falando em que andar descalço, como as varinas, seria de incontestaveis vantagens.

Creio ter dito o suficiente para provar que o necessario não é, a maior parte das vezes, senão o superfluo julgado necessario pela força do habito. Não vou tão longe que os mande despir, mas se mudarem de roupa no sentido indicado terão procedido como pessoas de juizo.

Bonaparte

(Aluno do liceu Camões).

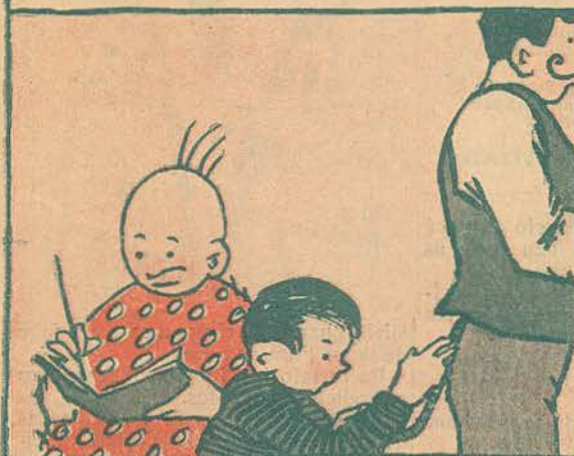
O Quim e o Manecas alfaiates



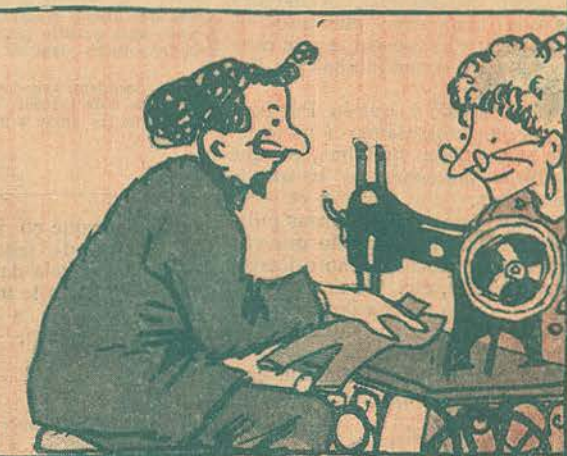
1.—O pae do Quim e do Manecas resolve que estes aprendam um oficio, visto que para comerciantes não tem getto. Manda-os para aprendizes de alfaiate.



2.—Os dois rapazes apresentam-se ao mestre e prometem portar-se como pessoas inteligentes e ilustradas que são.



3.—Ao primeiro freguez que aparece o Quim tira as medidas d'um fato e o Manecas escreve-as.



4.—Os officiaes da alfaiataria procedem ao corte e preparo do fato e noiam que este fica pequenissimo.



5.—Vem o freguez e apresentam-lhe umas calças de 5 centímetros de altura, um colete de 2 centímetros e um casaco de poucos milímetros.

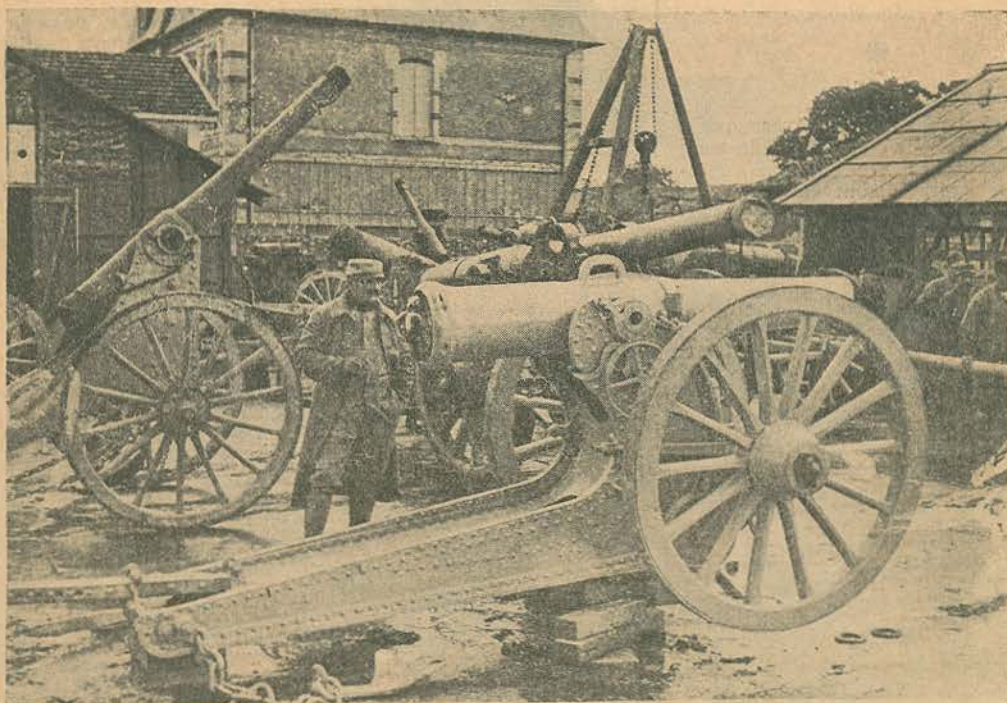
6.—O alfaiate despede-os, o pae dá-lhes a costumada sova e descobre-se que a culpa dos pequenos consistia em não saberem sistema metrico; quando o Quim dissera 0,75 o Manecas tinha escrito 0,075...
Estudem, meninos, estudem!



Um 75 n'um buraco d'obus

Um 75 n'um buraco d'obus—Um dos grandes trabalhos d'esta guerra nos campos da batalha consiste em dissimular a artilharia. Para isso se recorre a engenhosos processos. As covas feitas no terreno pelos obu-

zes são com frequencia aproveitadas para instalar os canhões que depois, com ramagens ou um falso solo feito com terra sobre troncos d'arvores, se escondem da vista dos aviadores inimigos.



Canhões de reserva, —(Clichés da secção fotografica do exercito francez).

Canhões de reserva.—Junto do Somme o estado-maior franco-inglez fez instalar varios depositos d'artilharia de reserva. Esses depositos

contêm peças de todos os modelos e de todos os calibres destinadas a substituir rapidamente as que forem inutilizadas pelo fogo do inimigo.



Uma herdade em ruínas, no Somme. — (Cliché da secção fotografica do exercito francez).

Uma herdade no Somme.—As aldeias e vilas que os francezes e os inglezes reconquistam junto do Somme, em combates que são dos mais violentos d'esta guerra, não seriam hoje reconhecidas pelos seus habitantes de ha dois anos. Na quasi totalidade elas não são mais do que montões de ruínas.



Um heroe.—E' muito raro que a Legião de Honra seja conferida a um simples soldado. O ultimo que a reeebeu foi Paul Dumont que entrou á



Paul Dumont. — (Cliché du « Monde Illustré ».)

frente dos seus camaradas no Forte de Douaumont. O mesmo soldado é titular da Cruz de Guerra com duas citações.



Onde a artilharia pesada se abastece.— Perto da frente do Somme algumas pequenas gares foram aproveitadas para depositos provisorios das munições da artilharia pesada. A nossa gravura representa uma d'elas. D'ali partem no decorrer da batalha os vagões carregados de obuzes que alimentam os formidaveis canhões.



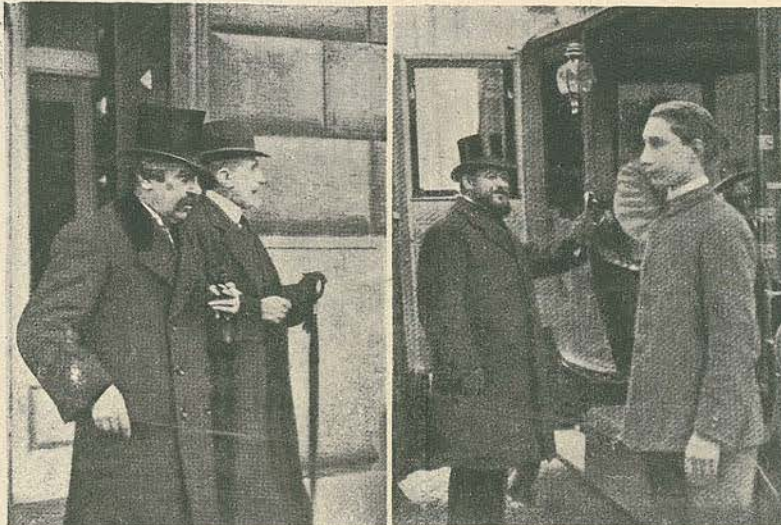
Gare aproveitada para deposito provisorio das munições da artilheria pesada.

(Cliché da secção fotografica do exercito francez).

A Conferencia de Roma

O acontecimento diplomatico mais importante dos ultimos tempos foi, sem duvida, a conferencia realisada em Roma nos primeiros dias de janeiro e na qual tomaram parte os mais categorisados representantes das nações

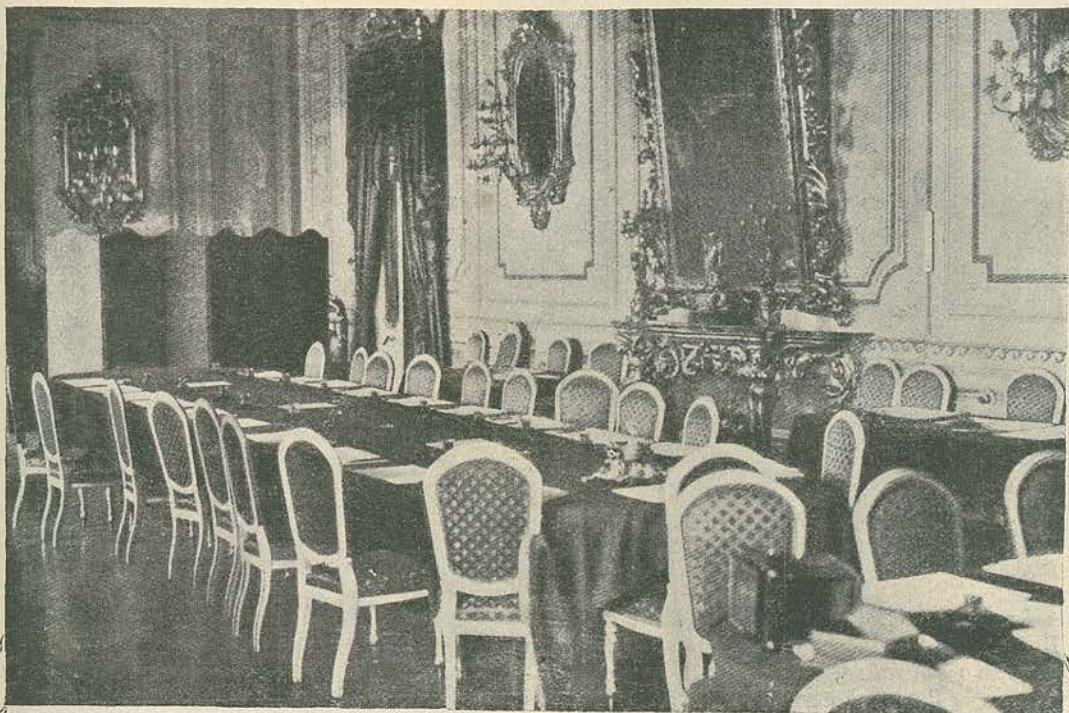
aliadas. Os srs. Briand e Lloyd George assistiram e essa conferencia, cujos primeiros resultados se não fizeram esperar. A França, a Inglaterra e a Russia tinham enviado a Atênas uma nota exigindo certas garantias d'ordem militar indispensaveis á segurança das tropas aliadas operando na Macedonia, as reparações



1. Mr. Briand e mr. Barrère, embaixador de França em Roma
2. Mr. Albert Thomas, ministro das munições do gabinete francez.

devidas pelos crimes dos primeiros dias de dezembro, e a terminação immediata de todas as perseguições contra os venizelistas. A Italia enviara, por sua vez, uma nota associando-se a todas essas exigencias, exceto á ultima.

A França, a Inglaterra e a Russia são as potencias protetoras da Grecia e essa qualidade dá-lhes, evidentemente, um direito de intervenção mais amplo que aquele que a Italia póde atribuir-se. N'esse facto esta ultima potencia baseava as suas reservas. Mas nem por isso essas reservas, exploradas logo pelos adversarios da



A sala onde se realisou a Conferencia

Entente deixavam de, até certo ponto, enfraquecer a ação dos aliados. O proprio rei Constantino não deixaria, por certo, de ver n'elas um sintoma de desacordo que lhe seria bem comodo aproveitar.



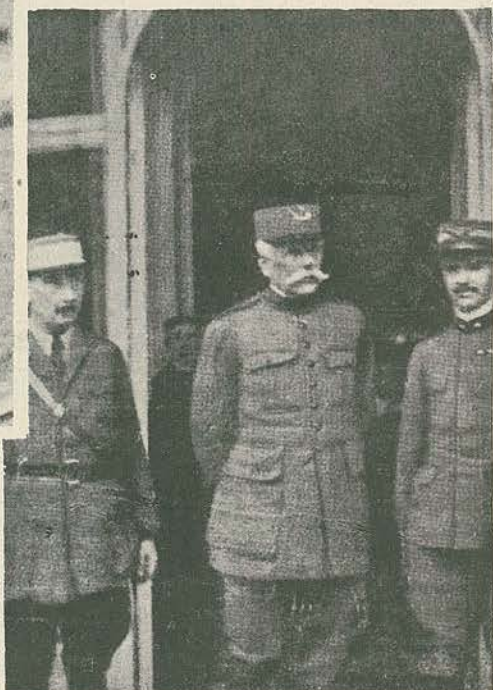
Mr. Lloyd George e sir Rennell Rodd, embaixador da Inglaterra em Roma

Logo depois de encerrada a conferencia de Roma, as potencias da *Entente* enviaram a Atênas o *ultimatum*, exigindo, dentro de 48 horas, a aceitação integral das suas imposições anteriores. Associando-se a essa *démarche*, a Italia poz de parte as suas reservas. A ação diplomatica dos aliados é hoje unanime



O general Lyautey.

como é unanime a sua ação militar. E n'essa concordância de todos os esforços reside, sem duvida, a condição essencial da proxima vitoria.



O general Sarrail. — (Clichés de «L'Illustrazione Italiana»)

O ORFÉON ACADEMICO DE VIZEU



O grupo da Tuna e o seu regente, sr. Dário Vieira.



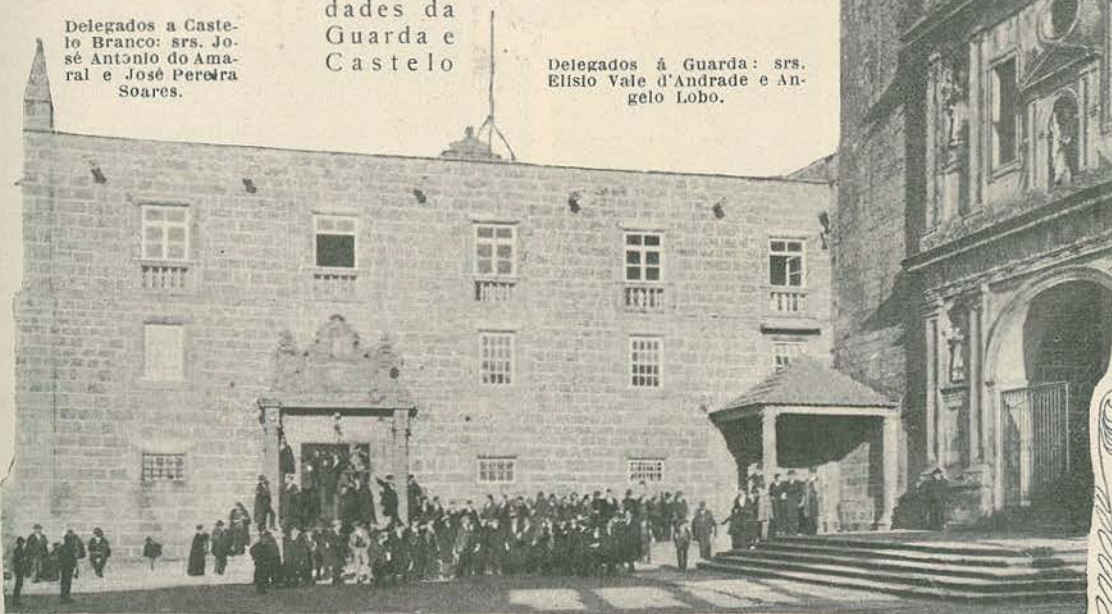
Delegados a Castelo Branco: srs. José Antonio do Amaral e José Pereira Soares.

O orfêon académico de Vizeu irá em breve, juntamente com a Tuna e Grupo Dramático, fazer uma excursão ás cidades da Guarda e Castelo

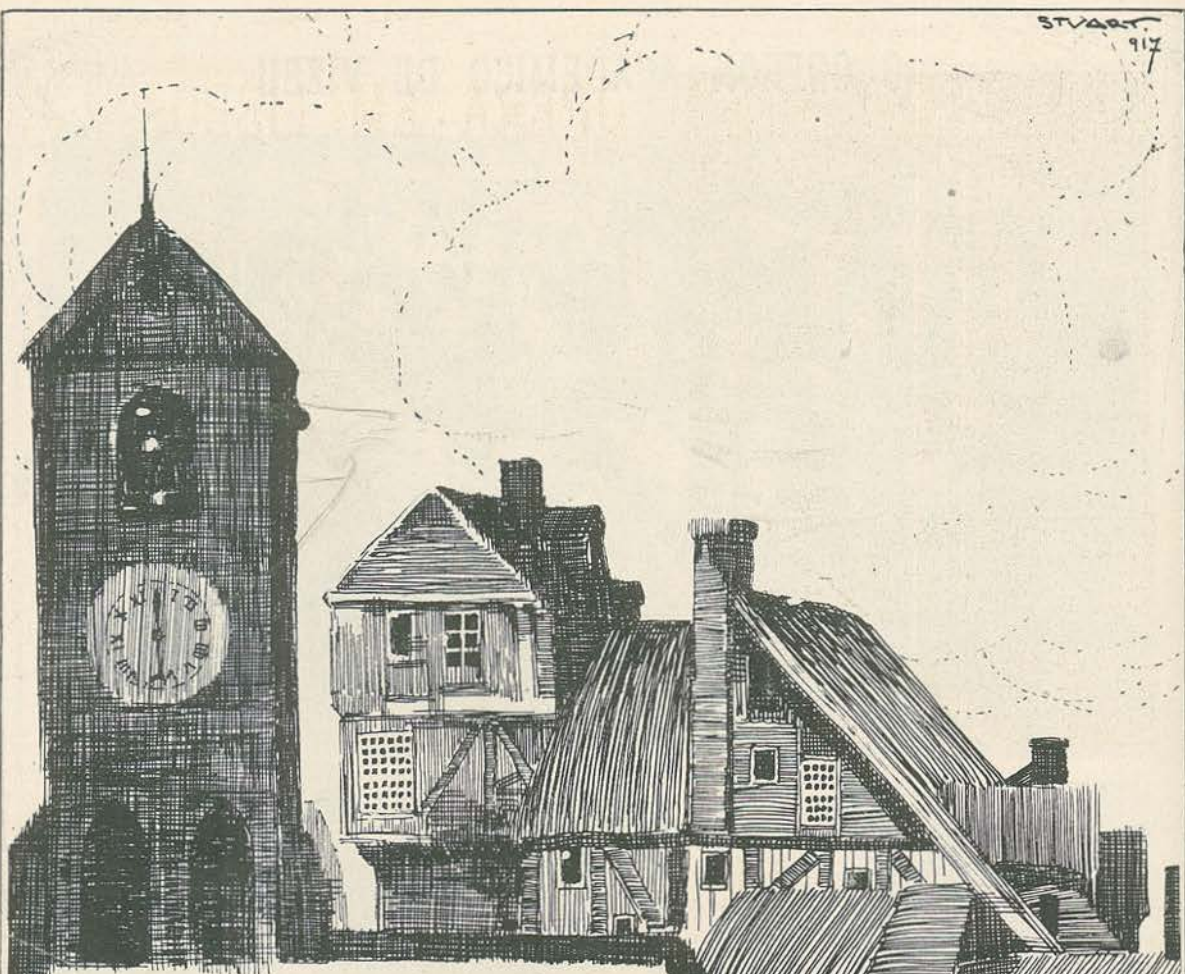


Delegados á Guarda: srs. Elíseo Vale d'Andrade e Angelo Lobo.

Branco, estreitando assim cada vez mais os laços de amizade que existem entre as tres grandes Academias.



Fachada principal do Liceu Central de Vizeu. - (Clichés do distinto fotografo, sr. Alfredo Gomes).



O Relógio da torre, ao redor
Abrindo as horas, no seu giro estreito,
Lembra-me o Malmequer que vi ao peito
Da moça que namora o meu feitor.

Desponta o sol? Horas de paz e amor
Esfolham-se do céu... E a graça e o geito
Com que o tempo, em seu círculo perfeito,
Se esvae como o perfume d'uma flôr!

A Noite volta? E as horas, d'uma a uma,
(*Mal me quer! Bem me quer!*) lá vão, na espuma
Ou no cachão da vida, em redemoinho.

Relógio, flôr do Tempo e da Anciedade...
—E as pétalas de sonho e de saudade
Desfolham-se na luz, sobre o caminho!

Antonio Corrêa d'Oliveira.

(De *A minha terra*).

Flôr do Tempo

OPERA EM LISBOA

NAS condições excepcionaes em que atualmente se encontra o nosso paiz, trazer a Lisboa uma companhia de opera lirica italiana constitue um empreendimento de não pouco risco e



Soprano Maria Ross

responsabilidade. Todavia, é proverbial o tacto e a coragem do empresario do Coliseu dos Recreios para que nos admiremos que ele apresente audições de opera com



Tenor Ilgeiro Emanuele Santhui

um nucleo de artistas em que ha incontestavelmente figuras de grande valor, como o soprano ligeiro Angeles Ottein, o baritono Mariano Stabile e o tenor Cav. Gennaro De Tura,



1



4



6



7



5

1. Mezzo-soprano Matilde Blanco.—4. Baritono Mariano Stabile.—5. Soprano Ilgeiro Angeles Ottein.—6. Mezzo-soprano Elena Lucci.—7. Soprano dramatico Claudia Torini.—8. Baritono Giuseppe Giordani.—9. Tenor Cav. Gennaro de Tura.

consagrados pelos aplausos e pela frequencia do publico.

Agora que o nosso primeiro teatro lirico está fechado, o Coliseu esforça-se por preencher essa lacuna.



8



9



Grupo de convivas de um almoço realiado no hotel Avenida, em Coimbra, em homenagem ao capitão expedicionario sr. Luis Mota, ex commissario da policia civil, d'aquella cidade. Sentados da esquerda para a direita: Governador civil de Coimbra, dr. Antonio Leitião, capitão Luis Mota e coronel Silva Bandeira. De pé: Tenente Josué Knopli, actual commissario de policia, Inspector primario, Nunes Pais, dr. Octaviano Sá, Augusto Coutinho, professor João Donato, capitão Luis de Carvalho, Simões Favas, major Brito de Almeida, alferes medico dr. Julio da Fonseca e alferes Antonio Mota. — («Clichê» da photographia José Maria dos Santos).



O sr. Alfredo Monteverde, antigo secretario da legação portugueza no Brasil, falecido em Bayonne, onde, depois da implantação da Republica, fixou residencia, dedicando-se ao commercio.

D. Maria da Cunha. — Não era só uma poetisa distinta a sr.^a D. Maria da Cunha, tambem era uma prosadora elegante, viva e correcta. O seu livro de versos «Trindades», publicado ha 7 anos com um prefacio do sr. Julio Dantas e do conde de Monsaraz, deixou magnificas impressões no nosso meio literario, começando desde então a destacar-se o nome de D. Maria da



D. Maria da Cunha.

Cunha. Retirando ha tempo para o Brasil, encontrava-se actualmente em S. Paulo, não deixando nunca de estudar e de escrever, sendo ali tambem muito apreciada pelos seus trabalhos literarios e pelo trato distincto. Foi ainda a trabalhar que a morte a veiu surpreender com grande magua para quantos sabiam apreciar-a.



O sr. Antonio Vicente da Silva, secretario de finanças em Ourique, onde faleceu e onde era muito estimado pelo seu belo caracter, tomando parte no seu funeral as pessoas de maior distincção da villa.



Casamento da sr.^a D. Alice de Castro Loureiro, filha da sr.^a D. Helena de Castro Loureiro e do sr. Adelfino Bernardo Loureiro, commerciante e capitalista do Porto, com o engenheiro sr. Alvaro Pinto dos Santos, filho do capitalista de Villa Nova de Gaia, sr. Pinto dos Santos.



Comandante, officiaes e visitantes a bordo do esplendido paquete *S. Paulo*, do Lloyd Brasileiro, em Now-York.



3. O sr. João Gomes dos Santos, comerciante em Lisboa, onde faleceu.—4. O sr. Henrique Fernando de Oliveira Correia, distinto tipografo da Imprensa Nacional, falecido em Lisboa.—5. O sr. José Joaquim Rodrigues, presidente da junta de paroquia e fundador da Albergaria de Sacavem, falecido em Lisboa.—6. O sr. José Maria Ribas, velho e dedicado republicano, falecido em Lisboa.—7. O sr. Joaquim Osorio da Gama e Castro Oliveira Batista, antigo pre-

«O Presepio»—O distinto escritor sr. Severo Portela escreveu um delicioso livrinho de contos, num estilo elegantissimo e de inspiração elevada, os quais intitulou «O Presepio». E todos esses contos podem ser lidos até por crianças, pois não ha neles qualquer descabro de linguagem nem situações que não sejam boas lições de moral, qualidades porque o belo livrinho se impoz á critica, que o recebeu com manifestas provas de simpatia.



O distinto escritor sr. Severo Portela



sidente da camara municipal de Gouvêa, onde faleceu.



«El Imparcial» em Lisboa.—O importante jornal madrileno *El Imparcial* inaugurou em Lisboa, na praça dos Restauradores, n.º 76, uma sucursal, tendo vindo assitir ao ato os srs. D. Felix Lorenzo e D. Eduardo Gasset, respetivamente dire-

tor e secretario d'aquelle jornal. Assistiram os srs. ministro de Hespanha e dr. Augusto Soares, ministro dos estrangeiros, que figuram no grupo tirado na redação e que reproduzimos.

(Cliché Beno'lel).

ARTE APLICADA



Foi muito visitada a exposição de arte aplicada, feita pelas alunas das sr.^{as} D. Adelaide d'Almeida e D. Claudina Franco dos Santos, havendo realmente entre os objéto expostos muitos em que se afirmavam brilhantemente não só o talento e pericia de quem os executou, mas também a alta competência de quem os dirigiu.



Dois aspectos da exposição

Fabrica de carimbos de borracha e metal e Gravura em todos os generos



ESPECIALIDADE NAS SUAS LINDAS E ARTISTICAS CHAPAS EM FERRO ESMALTADO

Numeradores, selos para branco e para tinta, marcas para fogo, sinetes e tintas para roupa, coplografos, bilhetes de visita, etiquetas de metal, etc.

ADELINO LOPES PEDROSO



Premiada com 3 medalhas d'ouro e prata

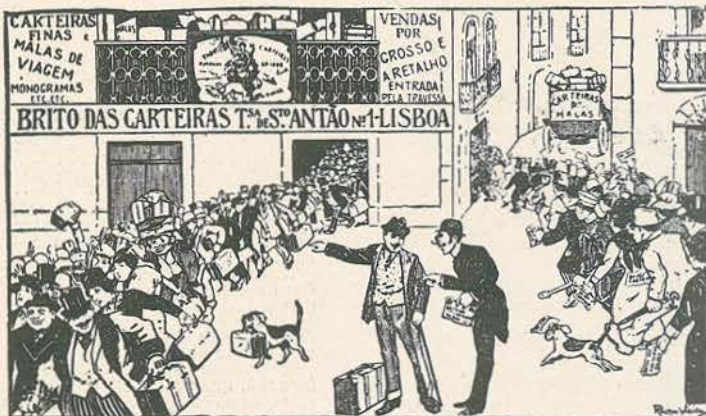
Exposições:
Rio de Janeiro de 1908
e de Lisboa de 1913



RUA S. JULIAO, 108

LISBOA

CCNTRA a
ASTHMA
o PÕ
de ABYSSINIA
EXIBARD
allivia
instantaneamente.
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^{ie}
8, Rue Dombasle, Paris.



CHÁ HORNIMAN

AO MODELO
AMERICANO
Calçado de Luxo.
19C AVENIDA ALMIRANTE REIS 19D

FOTOGRAFIA
Rentlinger
A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre
PARIS
TELEPHONE: Gutenberg 42-09 **ASOENSOR**

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL:	
Ações	360:000\$000
Obrigações.....	323:910\$000
Fundos de reserva e amortização	266:400\$000
Total.....	950:310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelinho (Tonar), Penedo e Casal d'Hermito (Louzã), Vale-Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispoendo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — *Escritorios e depositos:* 270, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—49, RUA DE PASSOS MANOEL, 51, PORTO.—End. teleg. em Lisboa e Porto: *Companhia Prado*. Numero telefonico: LISBOA, 605—PORTO, 417.

Soou a hóra — de — Ser feliz



Bernardo Palissy, autor d'este livro

Éis o momento propício de saber aproveitar a parte que lhe pertence! N'estes momentos críticos em que a guerra cobre de luto e de fome tanta gente, é-lhe necessário ler este livro:

PARA TRIUNFAR NA VIDA

Se ganhar o insuficiente para viver, deve imediatamente pedir-o. Ele lhe ensinará a forma de ganhar mais, ele lhe dirá o caminho a seguir. V. Ex.^a tem o mesmo direito a felicidade como as outras pessoas felizes. Não tem a ambição de ser rico, de viver feliz n'um lar confortável? Deverá V. Ex.^a ter dito muitas vezes que o vosso mal estar é da pouca sorte. Isso é um erro, porque todos nós temos um pouco de felicidade que sabendo aproveitar esse pouco, se transformaria na felicidade desejada. **A FELICIDADE NÃO VIRÁ TER CONTIGO. É PRECISO IRÉS TER COM ELA.** É que ela passa-vos pela mãos e vos a deixa fugir. Este livro ensinará por todas as maneiras a forma de sem dinheiro poderdes obter fortuna. Depende só de ti, torna-te ativo, sabe querer.

QUERER É PODER

Todos tem a obrigação de se elevarem. Do pequeno aprendiz a mais elevada categoria, no commercio e na industria. Não basta ser rico; é necessario sabel-o ser.

Todos os comerciantes o devem ler. Todos os empregados o devem conhecer. Aos que desejam ser mais ainda, aos que vivem mal, aos que os seus negocios não progredem, aos que ambicionam ser felizes recomendo este precioso livro.

Escreva-me hoje mesmo, não guarde para amanhã, que poderá ser tarde, envie-me em selos de 25 réis, vale do correio ou ordens postaes, a quantia de 225 réis, e eu lhe remetterei este precioso livro que lhe dará toda a felicidade desejada.

Pedidos á Livraria Verol, suc.^a
119, C. do Combro, 121, Lisboa

Portugal na guerra!!!



Guias praticos para aprender sem mestre a falar, ler e escrever Francez ou Inglez em 50 lições.



300 ou 400 réis em cadernaco. A' cobrança mais 100 réis.

Recebe-se em selos, vales do correio ou ordens postaes.

Livraria Verol, Suc.

121, Calçada do Combro — LISBOA

As ultimas novidades

A DAMA DAS CAMELIAS, por A. Du-
mas, romance emocionante illustrado
com 32 gravuras, e uma bonita capa a
5 côres. 1 lindo volume brochado, 2
cent., enc. 30 centavos

S. CYPRIANO OU O THESOURO DA
FEITICEIRA, edição mais completa que
tem aparecido até hoje. 1 vol. con-
perto de 300 paginas e capa a côres.
30 centavos

AS MAIS LINDAS POESIAS, dos me-
lhores poetas portugueses, como Ca-
milo, Guerra Junqueiro, Julio Diniz,
Herculano, Camões, etc., etc. 1 volume
com perto de 300 das mais belas poesias.
20 centavos

A MARTYR, por Adolphe d'Ennery,
grandioso e emocionante romance illus-
trado com lindas aguarelas, de Alfredo
Moraes, magnificamente impressas a
duas côres em papel couché. 1 volume
brochado, com uma bonita capa a
côres 20 centavos

AMORES A' BEIRA MAR, por Arman-
do Ferreira, romance enédrto, muito
sentimental, passado nos nossos Estre-
itos, illustrado com lindas gravuras, 1 vol.
broch, com capa a côres, 20 centavos

MORTA D'AMOR, por Albert Delpit, ro-
mance cheio de scenas impressionantes,
muito illustrado com uma bonita capa a
côres, 1 vol. brochado 20 centavos

NOIVA MALDITA, por Emile Rich-
bourg, romance illustrado, com um
bonita capa a côres 20 centavos

GUIA DA COSINHEIRA, CONFEITEI-
RO E PASTELEIRO, por Manuel da Ma-
ta, 6.^a edição muito illustrada e muito
aumentada, 1 volume 20 centavos

FECUNDAÇÃO, GRAVIDEZ E PARTO,
livro interessante, illustrado com 20 gra-
vuras, edição muito aumentada con-
tendo as leis da familia, filhos legitimo
e illegitimos e outras que regulam a
assistencia ás mães abandonadas, etc.
etc. 1 volume com linda capa a côres
20 centavos

SECRETARIO DOS AMANTES, as mais
lindas cartas d'amôr pela condessa d'
Amancio, livro com perto de 300 cartas
d'amor, muito necessario aos namora-
dos. 1 vol. com capa a côres 20 centavos

HISTORIA ILUSTRADA DAS DEVAS
SIRIÕES DE NERO, historiando todas as
façanhas de Nero e Agripina, com mu-
tas gravuras e capa a côres 20 centavos

NOITES D'AMOR, contos galantes por
Rabelais, illustrado com estampas de
Nero 20 centavos

O QUE O HOMEM E A MULHER DE-
VEM SABER ANTES E DEPOIS DE CA-
SAR, 1 vol. necessario a todos, con-
tendo orçamentos de familia, judiciosos
conselhos a ambes, lei do Divorcio, lei
de familia, etc., etc. 1 vol. brochado
20 centavos

PAIXÃO FATAL, por Dubut de Lafre-
rest, romance de amôres tragicos, cheio
de episodios de amôr, illustrado com
lindas gravuras e capa a côres
20 centavos